

Não há um relato compartilhado que articule a nossa sociedade

There is no shared report that articulates our society

■ Entrevista com NÉSTOR GARCÍA CANCLINI*
por Pedro Hellín**

O PROFESSOR NÉSTOR GARCÍA Canclini é um dos principais representantes dos estudos culturais latino-americanos, autor de referência no campo de estudos da Comunicação com uma extensa produção, e criador de conceitos assimilados por todos, como o de *hibridação cultural*, que ele mesmo define como um fenômeno que “se materializa em cenários multideterminados onde diversos sistemas se cruzam e interpenetram.” Essa ideia é tão assimilada socialmente hoje em dia, que tomou diversos caminhos e já é aplicada em vários campos da nossa vida cotidiana.

Por ocasião de sua visita à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, durante as comemorações do 40º aniversário do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, tivemos a maravilhosa oportunidade de conversar com ele antes da apresentação de seu mais recente livro traduzido para o português, *A sociedade sem relato. Antropologia e estética da Iminência* (Edusp, 2012).

MATRIZES: Professor, você poderia traçar as principais etapas de sua carreira como pesquisador?

Canclini: Eu me formei em filosofia, tanto na licenciatura quanto no doutorado. Em Paris, sob a direção de Paul Ricoeur, para a minha tese estudei a obra de Merleau Ponty, focando nas questões de epistemologia, história e ciências sociais. O que estudei nesse momento foi o cruzamento entre Fenomenologia, Estruturalismo e Marxismo, que eram as três vertentes que compunham sua obra.

* Doutor em Filosofia pelas universidades de La Plata (Argentina) e Paris. Lecionou nas Universidades de La Plata, Buenos Aires, Nápoles, Austin, Stanford, Barcelona e São Paulo. Recebeu a bolsa de estudos Guggenheim, o Prêmio de Ensaio da Casa das Américas, o Book Award da Latin American Studies Association, e em 2012, o prêmio Universitário de Cultura, da Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Desde 1990, atua como professor e pesquisador da Universidad Autónoma Metropolitana de México.

** Professor Titular na Universidad de Murcia (Espanha). Pesquisador convidado pela ECA-USP. Membro do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo.

Além disso, meu primeiro livro foi sobre a narrativa de Cortázar, e uma prévia das questões que seriam introduzidas posteriormente. Falava da antropologia no sentido filosófico, ou seja, o conceito do homem na obra de Cortázar.

Depois, escrevi um livro, *Arte popular y sociedad en América Latina*, intimamente relacionado à efervescência da arte popular e da comunicação social da década de 1960 e início da década de 1970. Abordava as artes visuais, os artistas que saíam dos museus, o teatro popular latinoamericano e o cinema dessa época, chamado de *liberação*.

Em seguida, realizei uma pesquisa sociológica na Argentina relacionada às Vanguardas dos anos 70 e sua associação com o desenvolvimentismo econômico, abordando as relações entre a experimentação artística e o processo de modernização proposto pelo desenvolvimentismo. Essa fase culminou no livro *La producción simbólica – Teoría y método en sociología del arte*, traduzido para o português.

Em 1976, fui exilado para o México, depois do golpe militar na Argentina, e foi então que comecei a me interessar pelo processo de criação artística na arte popular. Na Argentina, estudei a criação artística da Vanguarda e, no México, quis estudar os artesanatos, as festas populares e o processo de mudança que experimentavam em sua relação com o turismo, com a arquitetura urbana e o processo de transnacionalização da economia e do consumo. Este livro (*Las culturas populares en el capitalismo*) também foi traduzido para o português e representou uma grande descoberta para mim: as culturas indígenas, que na Argentina eram extremamente ocultas, e que impulsionaram minha futura pesquisa sobre hibridação a partir de outras perspectivas.

A partir daí, comecei a desenvolver o conceito de hibridação cultural, até chegar à publicação do meu livro *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, onde discuto a ideia que foi tomando vida própria e se espalhando nas principais línguas, também em português.

Este conceito ainda continua sendo reconsiderado; em 2001, voltei a estudá-lo para desenvolver uma nova introdução, continuar o debate, compilar algumas críticas, rejeitar outras. Este ano, 2012, voltei a realizar esse trajeto com novas bases de dados, acessíveis graças à internet. Encontrei, principalmente em inglês, uma enorme produção; bastante no mundo asiático; e também em outras áreas onde não era utilizado, por exemplo, na educação. Agora existem autores que falam sobre como desenvolver uma educação híbrida para dar a pessoas uma formação que lhes permita uma adaptação às novas circunstâncias do mundo em relação às migrações, com as lutas culturais e o multiculturalismo.

Após *Culturas híbridas*, ampliei minhas pesquisas para a área do consumo, me especializando em consumo cultural. Até esse momento, eu estava

mais atento à produção artístico-cultural, à estética; agora, tratava de entender como os cidadãos se apossavam de bens simbólicos, a forma como circulava a cultura em suas diversas manifestações, e não apenas a arte, mas também os meios de comunicação, turismo etc. Isso me manteve ocupado durante uma boa parte da década de 90 e gerou, entre outros resultados, a obra *Consumidores y ciudadanos. Conflictos multiculturales de la globalización*.

A partir de então, passei para os processos de globalização com os quais já havia trabalhado, como globalização, internacionalização... e para o papel dos latinoamericanos neste mundo interconectado (*La globalización imaginada* e outras obras), atentando-me ao fator urbano, suas formas de socialização e as grandes mudanças produzidas em ideias clássicas da antropologia e da sociologia a partir do surgimento das tecnologias da informação e da comunicação.

Agora voltei a me interessar pela estética, pelas mudanças sofridas por essa ideia, a partir do que foi discutido anteriormente. Além da publicação de *La sociedad sin relato, Antropología y estética de la inminencia*, organizei uma exposição sobre *Extranjerías*, realizada primeiro em Buenos Aires e agora no México, onde a expandimos com artistas de lá.

MATRIZES: Como pesquisador das Ciências Sociais, que realiza trabalhos de campo, qual é a sua opinião sobre as construções metodológicas da pesquisa empírica em Comunicação?

Canclini: O debate está aberto. A comunicação está constantemente recriando-se como disciplina, ainda que o uso frequente de recursos da antropologia, sociologia e outras ciências sociais, o interesse pela arte, design, arquitetura e questões sociais, fazem com que muitos autores se questionem se realmente é uma disciplina independente ou uma evolução das outras. Talvez devêssemos considerar a comunicação como uma área transdisciplinar.

O RECENTE DEBATE SOBRE HIBRIDAÇÃO

MATRIZES: Sobre a ideia de *Culturas Híbridas*. A realidade que descreveu tão claramente no final dos anos 80 mudou. Modificaria o conceito ou não? Por quê?

Canclini: É um conceito atual e amplamente difundido, que há alguns anos tem se estabelecido também na produção em língua inglesa e vem sendo utilizado e revisado principalmente no Oriente. Atualmente temos uma grande variedade de definições ao falarmos de *Culturas Híbridas*, de muitas aplicações do conceito. O que, em princípio, nos faz pensar que vivemos em um mundo cada vez mais *hibridizado*, onde há uma fusão de correntes de pensamento, práticas sociais, técnicas de diversas disciplinas. E isso torna o conceito de

hibridação mais legítimo, mas ao mesmo tempo corre o risco de torná-lo banal, ou de aplicá-lo em tantos lugares que não será possível saber ao certo o que está sendo dito.

Acabo de ler – para o artigo da *Enciclopedia de las Ciencias Sociales*, sobre *hibridação*, que estou reformulando – um texto de Peter Burke, o grande historiador da cultura popular, publicado em 2010 e que acaba de ser traduzido para o espanhol, e que se chama *Hibridismo Cultural*. Em sua obra, Burke, um extraordinário estudioso, mostra, através da história, a origem, muito antiga, do conceito de *hidridação* para falar da sociedade. Eu havia detectado que Plínio el Viejo, no século I d.C. falava das culturas híbridas dos imigrantes que chegavam a Roma, e isso foi mencionado na nova introdução do livro, em 2001; mas Peter Burke faz um apanhado muito mais antigo e erudito e por todas as épocas, abordando a Idade Média, o Renascimento, as primeiras modernidades. Além disso, por ser um autor que lê 26 idiomas, ele cita fluentemente pesquisas em espanhol, português, russo, japonês...

Pode ser uma boa introdução para alguém que queira hoje ter uma noção da dimensão dos processos de hibridação, e também da antiguidade que registra o historiador.

MATRIZes: Aqui no Brasil, seu livro *Consumidores y Ciudadanos* foi bem recebido. Agora, há um forte debate sobre a *nova classe média*; muitos criticam o processo de mobilidade por tratar-se de uma inclusão feita exclusivamente pelo consumo. Isso poderia ser entendido como uma concretização das teses que você apresenta nesse livro?

Canclini: Não conheço bem o fenômeno no Brasil, mas pelo pouco que sei, diria que não é fácil aceitar que seja uma incorporação à classe média somente pelo consumo. Pois se são capazes de consumir é porque houve um aumento do poder de compra. Se olharmos para este processo de forma dinâmica, e não como uma fotografia de 2012, vemos que parte da renda dessas famílias é resultado da condição de que elas têm levado seus filhos à escola e aumentado o nível escolar nas gerações seguintes: já há uma mudança educacional em curso e uma capacitação para participar na vida social em seus mais altos escalões, através das últimas tecnologias, oferecendo treinamento para postos de trabalho qualificados.

No entanto, existem outros processos que eu gosto de diferenciar do consumo. Consumo, em geral, pode incluir todas as formas de propriedade dos bens, mas alguns autores estão diferenciando o consumo de bens (vinho, alimentos, roupas, um carro, uma casa), do acesso às redes onde obtemos os bens, mas principalmente as informações.

Neste ponto da entrevista, gostaria de mencionar algo que aparece bastante claro na última pesquisa que estou realizando sobre *Jovens criativos na Cidade do México e em Madri*. Nos últimos dois anos, trabalhei com um grupo de antropólogos, sociólogos e alguns artistas na Cidade do México, e com um grupo de antropólogos em Madri, que estudam as práticas emergentes nos jovens, dentro da cultura urbana. Trata-se de jovens bem qualificados, que frequentaram a universidade; alguns se formaram, outros não, mas muitos possuem uma qualificação tecnológica elevada, sabem inglês, ou seja, um conjunto de práticas que os qualifica para esta formação educativa e tecnológica. Trata-se de jovens que se organizam de forma autogerida, que atendem às poucas opções oferecidas pelo mercado de trabalho, com suas novas condições: criando grupos, pequenas empresas culturais, de comunicação, design. Com uma grande versatilidade em seu desempenho profissional. Há alguns que são formados em artes visuais, trabalham como fotógrafos em agências de publicidade e, em seguida, desenvolvem sites e assim vão mudando, de acordo com os projetos que surgirem.

Esta é outra ideia-chave nestas novas gerações, a transição da carreira ao projeto. Converteu-se em algo fortemente internalizado em uma ampla gama de jovens, que não podem esperar para fazer uma carreira profissional. Digamos que o que esperávamos, por exemplo, nós, os professores universitários há 30 anos, era que se cumpríssemos certos passos (tese de doutorado, se desempenhássemos de certa forma), chegaríamos aos cargos mais altos. Se entrássemos em uma empresa, igualmente cumprindo certas exigências, chegaríamos ao cargo de gerência ou a uma posição de destaque.

Essa expectativa de carreira se perdeu, não em todos os jovens, mas há uma tendência predominante. O que se vê agora é a experiência dos jovens de trabalhar por projetos, muitas vezes curtos, de seis meses, três meses, um ano. Às vezes, passam seis meses sem trabalho. Isso tem sido estudado em diversas sociedades. Nós o estudamos em Madri e no México e nos foi bastante útil o livro de Jaron Rowan sobre *Os empreendedores culturais na Espanha*, publicado no artigo *Traficantes de sueños*, que pode ser baixado gratuitamente; e os estudos de uma antropóloga inglesa, Angela McRobbie, sobre *A “losangelização” de Londres*, e de alguns outros estudos realizados na Austrália.

Trata-se de um fenômeno internacional que está remodelando as práticas sociais e culturais dos jovens. O que acontece é que há mudança no acesso - o que antes se conseguia mediante uma formação educacional tipo escolar, agora pode ser adquirido muito mais por meio da sociabilidade geracional, ou por outros procedimentos ligados às telas da internet.

Começamos a perceber isso no México, em 2005, quando fizemos a pesquisa sobre a juventude, na qual fui colaborador. Naquela época, quando quase não havia redes sociais, 31% dos jovens mexicanos tinham computador, mas mais de 70% eram usuários de internet, seja em casa, na escola, no trabalho, na lan house. Essas múltiplas formas de acesso proporcionam outras aprendizagens. Dessa forma, o que nós descobrimos quando entrevistamos jovens artistas visuais é que a maioria das coisas que fazem não foi aprendida na Escola de Artes Visuais ou na Escola de Música, mas na prática profissional com os colegas, que às vezes são cinco ou dez anos mais velhos que eles ou possuem a mesma idade. Além disso, é uma mudança na forma como as gerações são organizadas, por isso é que há tanta diferença entre jovens e adultos. Pode acontecer que os estranhamentos não sejam tão radicais entre orientais e ocidentais, asiáticos e europeus, como entre gerações que possuem 30 anos de diferença.

MATRIZes: Seu último livro *A Sociedade sem relato. Antropologia e estética da iminência* foi publicado em português pela EDUSP. Quais são os pontos-chave da obra?

Canclini: Em primeiro lugar, o título. Por que a sociedade sem relato? Deve-se esclarecer que o digo no singular. Não é “sem relatos”, nós vivemos em uma sociedade cheia de relatos. O que eu quero dizer com o título é que não há um relato hegemônico que articule as diferentes nações. As grandes referências de outras épocas foram perdidas. As religiões, as ideias políticas continuam existindo, mas sem a força de outras épocas, tornam-se relatos mais questionados do que seguidos. A sociedade atual está cheia de relatos que dialogam entre si, que se hibridizam continuamente. As pessoas já não querem seguir um único relato, preferem a busca na diversidade.

MATRIZes: Em relação à arte contemporânea, que você diz não possuir uma narrativa clara, mas que oferece diversos resultados possíveis, de acordo com o gosto das pessoas de hoje; e de acordo com as ideias de Noël Carroll em *Una filosofía del arte de masas*, onde afirma que existe apenas uma arte, e é o que o público considera arte. Isso tem a ver com a ideia de narrativa fragmentária, aberta, que os autores do pós-modernismo apontam como uma das principais características da sociedade?

Canclini: O pós-modernismo é um período das últimas décadas do século XX que celebrou a pluralidade de relatos; fez uma crítica devastadora à pretensão da Modernidade de estabelecer um único relato.

O fim do projeto pós-moderno foi parcialmente causado pela celebração excessiva do fragmento, que é paradoxal em uma época de elevada concentração

do poder empresarial e midiático. Com o pós-modernismo não podemos pensar em concentração, empresarial ou de qualquer outra índole, e acredito que esse foi um dos motivos que fez com que o impacto do pensamento pós-moderno fosse sumindo, e nunca se tornou uma teoria consistente.

Em contraste, foi substituído como tendência pelas pesquisas sobre a globalização, ainda que as mesmas não tenham culminado em um relato organizador, mas em muitas versões e também em políticas autodestrutivas, como as que estamos vendo agora na Europa e em outros lugares.

O colapso europeu me impressiona bastante. Eu acompanho de perto, pois recebo o *El País* todos os dias na minha casa no México e viajo com frequência para a Europa, principalmente para a Espanha; e me impressiona porque, há 10 ou 15 anos, via o projeto de construção europeia como o que melhor havia conseguido transcender as limitações do livre comércio. Muitos outros acordos de integração regional foram apenas integrações comerciais, como o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) e o próprio Mercosul, que tem uma pequena dimensão cultural e social, bastante reduzida. Em contrapartida, a Europa havia conseguido desenvolver programas educacionais como o Erasmus e programas de mídia. Enfim, conseguiu estabelecer plataformas continentais de integração, um hino, uma bandeira, símbolos. E tudo isso está sendo destruído por uma espécie de vertigem financeira desenfreada. Mesmo à partir da perspectiva dos empresários, dos próprios especuladores financeiros, é um processo destrutivo, e, claro, muito mais ainda para os estados. Para falar em termos de pós-modernismo, o que esse desenvolvimento da globalização mostra é a enorme dificuldade que temos em nos articular como sociedade; e em contrapartida, o domínio de tendências centrífugas, divisionistas, que utilizam inclusive os dispositivos de integração, como seria a União Europeia, para gerar pobreza, desemprego, disfunção social.

CULTURA DOMINANTE E AS REDES SOCIAIS

MATRIZES: Então, essa ideia de desintegração, de desunião, tem a ver com os meios de comunicação, sua linguagem, e a maneira como utilizamos atualmente todas as possibilidades de comunicação que nos são oferecidas?

Canclini: Com a mídia acontecem muitas coisas. Em primeiro lugar estão as transformações que os meios clássicos de comunicação em massa sofrem ao se deparar com a internet e as redes sociais. As redes sociais nos têm proporcionado a oportunidade de não apenas receber o *El País* em casa, mas também a possibilidade de consultarmos, diversas vezes ao dia, jornais em várias línguas. Podemos estar muito mais informados do que no passado, e saber o que os nossos amigos e inimigos dizem a respeito de um acontecimento.

Por sua vez, essa dinâmica parece estar atravessada por uma inércia, por uma dificuldade de se organizar em função das novas possibilidades criativas introduzidas e os novos recursos que apareceram nos últimos anos. Se alguém vê a polêmica sobre as leis de rádio e televisão e de telecomunicações na América Latina, na Europa, nos Estados Unidos, parece que elas ainda estão enraizadas em um conceito de monopólio da mídia, que não seria contestado por diversas redes.

Embora haja sinais de alarme sobre um possível desaparecimento de mídia de papel e dos livros, atua-se empresarialmente como se vivêssemos no século passado. Uma exceção é a legislação argentina que sofreu mudanças, ainda que de forma polêmica, mas sofreu uma grande transformação ao dividir em três terços o espectro de comunicação: um terço para os meios públicos, outro para os comerciais, e o terceiro para os comunitários. Em outros países não houve grandes mudanças na medida permitida pela revolução digital. Hoje acabo de ler, precisamente na internet, que a Associação Mexicana de Direito à Informação (à qual pertencço) conseguiu que o Supremo Tribunal invalidasse a fusão da Televisa, TV Azteca e Iusacell. Trata-se de uma grande conquista para uma associação muito pequena de pesquisadores da comunicação, jornalistas e pessoas que querem ser cidadãos responsáveis, com pouca capacidade de influência, mas que conseguiram pela segunda vez que não executem a reforma regressiva que tenta concentrar mais os meios. Mas o que falta é uma nova lei que abra o espectro digital, da televisão, e dos outros meios de comunicação, para que possam existir mais vozes.

Contudo, um acontecimento muito regressivo nas decisões políticas mexicanas foi o fato de que os três principais partidos levaram entre seus candidatos a parlamentares parentes dos proprietários da TV Azteca ou da Televisa. Irrupções escandalosas no Parlamento, de figuras que não têm carreira política e só estão lá (creio que foram 21 eleitos) para defender os interesses do monopólio da televisão. É uma concepção da política e da comunicação anacrônica e completamente antidemocrática, em um momento em que a abertura digital dá a possibilidade de que muitos participem e tenham voz.

MATRIZes: Eu encontrei uma polêmica curiosa, que tem a ver com a mídia, com o fechamento de um lado e abertura de outro, que você estava falando, que também tem a ver com esta “revelação que não se produz” (Borges: *La muralla y los libros*), que é a iminência da arte, que pode ter muito a ver com o que no mundo anglo-saxão entendem como *Cultura Mainstream* (Frederic Martel), com produtos culturais que surgem, apoiados pelos meios de comunicação,

e que, quase sem tempo para serem apreciados são substituídos por outros. Isso é uma nova cultura ou é a cultura tradicional, que se *disfarça* para tentar permanecer?

Canclini: A *cultura mainstream* é a culminação das tendências monopolistas do capitalismo, que opera sobre a diversidade cultural como um redutor, como um empobrecedor. Para mim, a ideia de *mainstream* é a oposta à *iminência* que reconheço na arte.

Como cheguei a essa conclusão? Em primeiro lugar, eu a extraí de Borges, que menciona em seu texto *La muralla y los libros* uma série de acontecimentos, como um por do sol, certas relações de amizade e de comunicação surpreendentes, e diz que nessas relações se produzem, às vezes, como a iminência de uma revelação. Comecei a buscar antecedentes dessa revelação, e descobri que nas artes visuais e na literatura há muitas pessoas que têm utilizado este conceito de Borges. Penso no conceito de *aura* em Benjamin: não é a mesma coisa, mas há uma aproximação à experiência que Borges está nomeando. Houve outros que falaram da epifania da arte, que nas obras de arte se produz um acontecimento que nunca chega a se estabelecer, a se consolidar do tudo, fica sempre em um estado de impermanência.

Por meio da contemplação de uma obra de arte aceitamos não nos apropriar do mundo, não sermos os detentores do sentido, e para mim a arte contemporânea, uma grande parte dela, é uma excelente oportunidade, não a única, de se experimentar essa ideia de iminência. Podemos (por meio da arte contemporânea) ter experiências, mas sempre há algo que está além. Ainda que, como já disse, não seja uma experiência que teremos apenas com a arte. De qualquer forma, isso é o oposto do *mainstream*. A *cultura mainstream* trabalha com o já consolidado, o que sabemos que terá um resultado, que irá produzir algumas risadas, certa cumplicidade.

Contudo, mesmo nos lugares onde o *mainstream*, o consolidado e o previsível podem estar mais estereotipados, como seria a publicidade, também pode surgir a iminência, o que não tínhamos previsto.

MATRIZES: Um produto *mainstream* pode ser um produto turístico, e o turismo, para você, foi objeto de análise recorrente há muitos anos; sempre a partir de uma perspectiva cultural. Em seu novo livro, também o relaciona com a estética, como um todo *patrimônio-cultura-turismo-marca-simbolismo*. Não poderia ser o turismo, com sua complexidade atual, um dos elementos que definem a nossa cultura?

Canclini: Sim, desde que digamos *um deles*, porque não é o componente mais importante, já que somos turistas apenas uma pequena parte de nossas

vidas. E ainda que recebamos publicidade todo o ano, nossa capacidade de resposta é limitada. Fazemos muitas outras coisas, além do turismo: trabalhar, consumir, estudar, adoecer.

O turismo pode servir para definir a nossa sociedade da mesma forma que o zapping na televisão, o acesso ao menu. Quase todas as nossas práticas sociais têm a mesma descontinuidade, a oportunidade, o jogo.

MATRIZES: Para concluir, vamos fechar o círculo, ou melhor, vou tentar fazer com que o feche. Em 1979, foi proposto, em seu livro *La producción simbólica. Teoría y metodología en sociología del arte*, um inventário de fronteiras não resolvidas. Você acredita que *La sociedad sin relato* as resolve? O que amplia ou derruba essas fronteiras que reconheceu, então? E listamos as seguintes: 1. os fenômenos estéticos são um produto das instituições; 2. o valor, a inovação, o poder político e a criatividade devem estar presentes na arte; 3. a análise sobre a arte é insuficiente; 4. é necessário desenvolver uma teoria sobre o poder simbólico e, 5. a arte tem que socializar.

Canclini: Para começar pelo final, a arte se socializou, mas não da maneira que pensávamos, não pela política, não pela ação generosa dos artistas que saíam às ruas. Ela se socializou por esses meios, mas muito mais, e mais rapidamente pela televisão, pelas redes sociais, pela democratização parcial de certas instituições (como museus e escolas); a arte está muito mais entrelaçada com a mídia.

Na época da produção simbólica houve certo excesso *bourdiano*. Confiei bastante no poder organizatório dos dados da teoria dos campos, como denominava Pierre Bourdieu. Foi útil para entender o que era o campo artístico na década de 70 na Argentina. E foi menos útil para entender o que alguns chamavam de “campo artesanal” no México, onde à medida que eu avançava na pesquisa compreendia a dificuldade de aplicar a teoria do campo.

Em parte, o livro *La sociedad sin relato* foi feito contra essa teoria de Bourdieu. Está escrito para mostrar, com materiais etnográficos, as diversas maneiras em que a arte é feita, na integração com a publicidade, com a televisão, com o mercado, com os públicos mais diversos, que não estão interessados na arte, que não sabem bem por que são atraídos por obras que não entendem. Este é o tipo de dúvida e este é o arco onde temos moldado nosso trabalho nos últimos anos. Portanto, a teoria dos campos de Bourdieu nos ajuda a ler os processos sociais e culturais que hoje se organizam de forma muito mais híbrida. Desde que aceitemos que os campos culturais, artísticos e midiáticos são apenas parcialmente autônomos.

MATRIZES: Isso talvez seja uma evolução do seu pensamento, que deixou algumas perguntas sem responder, mas abriu outras questões.

Canclini: Acredito que alguns autores que cito no livro também enxergam dessa forma, como Mieke Bal, uma teórica pouco reconhecida, mas bastante estimulante dentro do pensamento cultural contemporâneo. Na realidade, ficou muito próximo a ela, porque seu livro *Conceptos viajeros en las humanidades* foi publicado em Múrcia pelo CENDEAC¹, e é um livro extraordinário. Ela se considera analista cultural e tem uma formação interdisciplinar muito ampla, filosófica, cultural, artística, nos últimos anos também fez vídeos. Eu incluí na exposição que organizarei em Buenos Aires e no México três vídeos dela, sobre a experiência do estranhamento, onde se pode ver como as artes, os estudos culturais e as ciências sociais podem interagir reciprocamente. **M**

1. Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo

BIBLIOGRAFIA DE NÉSTOR GARCÍA CANCLINI EM ESPANHOL E PORTUGUÊS

- Epistemología e historia. La dialéctica entre sujeto y estructura en Merleau-Ponty*, México, UNAM, 1979.
- Arte popular y sociedad en América Latina. Teorías estéticas y ensayos de transformación*, México, Grijalbo, 1987. Publicado em português pela Editorial Cultrix, em São Paulo, em 1980.
- La producción simbólica-Teoría y método en sociología del arte*, México, Siglo XXI, 1979. Editado simultaneamente com a edição espanhola pela Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1979.
- Las culturas populares en el capitalismo*, México, Nueva Imagen, 1982. Editado em português pela Editora Brasiliense, em São Paulo, em 1983.
- Políticas culturales en América Latina* (N. García Canclini, editor e introdução. Coautores: Guillermo Bonfil, José Joaquín Brunner, Jean Franco, Oscar Landi, e Sergio Miceli), México, Grijalbo, 1987.
- Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, México, Grijalbo/CONACULTA, 1990. A edição em português foi realizada pela Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- La educación y la cultura ante el Tratado de Libre Comercio* (Néstor García Canclini, coord. Coeditado con Gilberto Guevara Niebla), México, Nexos Nueva Imagen, 1993.
- El consumo cultural en México* (Néstor García Canclini, coord.), Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, Colección “Pensar la Cultura”, México, 1993.
- Los nuevos espectadores. Cine, televisión y video en México* (Néstor García Canclini, coord.), Instituto Mexicano de Cinematografía (IMCINE), México, 1994.

E

Não há um relato compartilhado que articule a nossa sociedade

- Consumidores y ciudadanos. Conflictos multiculturales de la globalización*, México, Grijalbo, 1995. Publicado em português pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- La ciudad de los viajeros. Travesías e imaginarios urbanos: México 1940-2000* (En colaboración con Alejandro Castellanos y Ana Rosas Mantecón), México, Grijalbo/UAM, 1996.
- La globalización imaginada*, Barcelona, Buenos Aires, México, Paidós, 1999.
- Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*, Buenos Aires, Paidós, 2002.
- Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad*, Buenos Aires, Gedisa, 2004. Publicado em português pela Editora UFRJ em 2005.
- La antropología urbana en México* (Néstor García Canclini, coord.), México, CONACULTA-UAM-FCE, 2005.
- Lectores, espectadores e internautas*, Barcelona, Gedisa, 2007.
- La sociedad sin relato, Antropología y estética de la inminencia*, Katz editores, Buenos Aires, 2010. Publicado em português pela editora EDUSP, 2012.

